

Efeitos Colaterais da Dengue:

Assistência Social para a Saúde do Rio de Janeiro ou início do fim das políticas públicas para a população do Rio de Janeiro, quiçá do nosso Brasil!!

E agora o Secretário de Assistência Social Marcelo Garcia resolve se meter no fogo cruzado que virou a política pública de Saúde no município do Rio de Janeiro (Federal e Estadual no lado A e municipal do lado B – ou vice-versa, pois aqui, como na matemática básica, a ordem dos fatores não altera o resultado da epidemia de dengue e todas as suas vítimas, em especial as levadas à morte).

O que chama a atenção é o mini-exército de Assistentes Sociais que o Secretário pretende envolver em seu intento e sustentado administrativamente por sua posição de gestor deste nosso governo municipal. Ele pretende utilizar o trabalho de 500 Assistentes Sociais para *“organizar o processo de orientação, recepção e escuta de cada mãe, pai, esposa, esposo, de cada carioca que chega em uma unidade de saúde e que precisa de apoio e orientação”*.

Talvez eu esteja muito enganado, ou haja uma conspiração em toda a *mídia* (impressa e televisiva) para distorcer a realidade, mas, até onde eu sei, a população do Rio de Janeiro não está carecida de orientação e nem de Assistência Social (entendida na proposta do Secretário como escuta das reclamações dos cidadãos), mas de médicos em número suficiente para que sejam feitos os atendimentos necessários em um tempo dentro da razoabilidade (pode ser a mesma que nós da classe média exigimos dos nossos planos privados de saúde).

O Secretário pretende rodar os hospitais municipais e, para tanto, irá fazer um plantão de 72 horas para *“para conversar com a população e verificar como está e aonde estão os nós”*. Para além da pretensão e do caráter *factóide* da posição do nosso Secretário, acho que o mesmo tem um dever moral com o governo que faz parte e que, na sua inspiração quixotesca e efetivamente carecida de sentido prático diante desta realidade, deveria levar todo o seu *comissariado* (os que ocupam os ditos cargos de confiança), o Secretário Municipal de Saúde e o Sr. seu Prefeito. Ao que tudo indica, o Secretário de Assistência Social, em sua proposta, imagina ter condições de mudar esta realidade com palavras de apoio e escutas atenciosas (e quer envolver o trabalho de profissionais de Serviço Social neste propósito!).

Se a disposição e a capacidade administrativa são tantas e prováveis, o correto e prescrito seria o Sr. Marcelo Garcia acumular as gestão das duas políticas públicas do município do Rio de Janeiro. Ou mesmo assumir de fato a função de Prefeito da cidade do Rio de Janeiro, já que há nós em praticamente todos os serviços públicos deste

município e que deveriam, há muito, terem sido desatados.

Isto, inclusive, gera uma questão: tomado ciência dos nós da saúde, o Secretário de Assistência Social terá o poder administrativo para dar solução e desatá-los? Não, por que se for ouvir por ouvir, saber por saber, não precisa de 500 profissionais formados em Serviço Social para resolver a situação.

Esta também é outra questão: em quais condições pretende alocar os 500 Assistentes Sociais para trabalhar na política de Saúde. Ressalto que o trabalho do Assistente Social deve ter condições condignas de atendimento aos seus usuários e que possam garantir o sigilo profissional deste atendimento (direito do usuário). Estas garantias existirão neste mutirão dos Assistentes Sociais ou, no caos da Saúde, estas garantias podem ser preteridas? Quais serão as atividades destes Assistentes Sociais? Estarão dentro das suas competências técnicas regulamentadas ou terão caráter eminentemente político como as ações dos gestores?

Infelizmente as questões são muitas diante das palavras e atos do Secretário; seguem: a política de Assistência Social no município do Rio de Janeiro está tão bem assim para que o seu Secretário gestor possa se ocupar e se dedicar ao trabalho de uma outra Secretaria e outra política pública que tem seus responsáveis: a Saúde? Os problemas da Secretaria de Saúde estão na ordem da política de Assistência Social? Estas orientações que pretende realizar junto à população versa sobre qual conteúdo: da Saúde ou da Assistência? Os 500 Assistentes Sociais estão capacitados para responderem questões que não têm respostas ou que, se têm, não estão sob seu poder de resolução?

Estes 500 Assistentes sociais sairão de quais locais de trabalho para migrarem para a Saúde? Não farão falta nos locais onde vêm atuando junto à população?

Finalmente, cabe mesmo ao Serviço Social, por tudo que conquistou nestas últimas décadas, ser a profissão que segurará nas portas dos Hospitais e Postos de Saúde o peso do ônus da falta de políticas públicas profiláticas (nas três esferas) acerca da dengue neste município? Atos humanitários são da responsabilidade de todos os cidadãos e não atribuição de uma categoria profissional.

Afinal, o Assistente Social não é o profissional bonzinho e voluntarioso imbuído da missão da ajuda e/ou da escuta como bem sabemos, mas sim um profissional com competências e atribuições privativas definidas em Lei de Regulamentação e que cujo trabalho deve executar com a qualidade e a competência devidas e dentro dos pressupostos éticos.

Com todo o respeito que devo ao Sr. Secretário, sobre sua afirmação de “*o carioca que precisa de apoio e solução para os seus problemas*” ser seu “*foco*”, acho muito bonito e admirável do ponto de vista filosófico (um ponto de vista melhor e mais realista do que

“*rezar pra nosso senhor do bom-fim para mandar a dengue pro mar*”, como propôs o Prefeito deste nosso município!), mas concretamente o que será feito para aumentar a quantidade e a qualidade dos atendimentos da população? Não percamos este indicador do nosso norte, pois para aqueles que dormem nas filas é que o que realmente importa.

Aliás o Sr. Secretário diz que “*o Ministro Temporão fala demais. Fala bem. Mas age pouco*”. Mas, sinceramente Sr. Secretário, será mesmo que desse mal só o Ministro Temporão padece?

Apenas mais uma última questão: O Secretário pretende mesmo provar sua tese de que consegue convencer as pessoas somente com palavras (*ad arbitrium*) de que esta “Prefeitura do Rio está absolutamente preocupada com ela”(s)?

Se for o caso, digo que discordo e que penso absolutamente diferente do Secretário. Entretanto, boa Sorte! (*acta est fabula!*)

Elias Azevedo da Silva – Assistente Social

PS: (Registro que os contribuintes deste município não são somente os cariocas, eu não sou carioca, sou fluminense, mas minha indignação não é menor e meus problemas idem! Pago aqui todos meus impostos e devo ter o mesmo tipo e qualidade de atendimentos que devem receber os nativos da cidade do Rio de Janeiro).